

O LIVRO QUE INSPIROU O FILME



O ÚLTIMO DUELO

UMA HISTÓRIA REAL DE
CRIME, ESCÂNDALO E
JULGAMENTO POR COMBATE
NA FRANÇA MEDIEVAL

ERIC JAGER


intrínseca

○
ÚLTIMO
DUELO

○
ÚLTIMO
DUELO

UMA HISTÓRIA REAL *de*
CRIME, ESCÂNDALO
e JULGAMENTO
POR COMBATE *na*
FRANÇA MEDIEVAL

ERIC JAGER

Tradução de
Rodrigo Peixoto



Copyright © 2004 by Eric Jager

Todos os direitos reservados.

Tradução publicada mediante acordo com a Crown, um selo da Random House, que faz parte da Penguin Random House LLC.

TÍTULO ORIGINAL

The Last Duel: A True Story of Crime, Scandal, and Trial by Combat in Medieval France

REVISÃO

Eduardo Carneiro

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Ligia Barreto | Ilustrarte Design

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira | Equatorium Design

ILUSTRAÇÃO DOS MAPAS

John Burgoyne

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J23u

Jager, Eric, 1957-

O último duelo: Uma história real de crime, escândalo e julgamento por combate na França medieval / Eric Jager ; tradução Rodrigo Peixoto. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2021.

320 p. ; 21 cm.

Tradução de: The last duel

ISBN 978-65-5560-344-6

I. História da França. I. Peixoto, Rodrigo. II. Título.

21-73074

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3ª andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

PRÓLOGO



Em uma manhã fria, poucos dias após o Natal de 1386, centenas de pessoas enchiam o grande espaço aberto atrás de um monastério em Paris para assistir a dois cavaleiros duelarem até a morte. O campo de batalha retangular era cercado por um muro alto de madeira, e guardas armados com lanças rodeavam o local. Carlos VI, rei da França, então com dezoito anos, sentou-se com sua corte em palanques coloridos montados de um lado, enquanto a multidão de espectadores se aglomerava em todos os outros lados do campo.

Os dois combatentes, vestindo armaduras completas, com espadas e adagas em seus cinturões, estavam sentados em cadeiras semelhantes a tronos, cada qual em um extremo oposto do campo, encarando-se através dos pesados portões a sua frente. Criados seguravam ruidosos cavalos de guerra prontos para o combate em cada um dos portões, enquanto padres rapidamente retiravam do campo o altar e o crucifixo em que os dois inimigos tinham acabado de fazer seus juramentos.

Após o sinal do marechal, os cavaleiros montariam em seus cavalos, empunhariam suas lanças e entrariam no

campo. Os guardas trancariam os portões, aprisionando os homens nessa área intransponível. Ali, eles lutariam sem trégua nem qualquer chance de escapar, até que um matasse o outro, provando suas acusações e revelando o veredito de Deus sobre o assunto.

A multidão excitada observava não apenas os dois feroces guerreiros e o jovem rei em meio a sua esplêndida corte, mas também a bela jovem sentada sozinha em um palanque preto coberto com vista para o campo vestida dos pés à cabeça em luto — e também cercada de guardas.

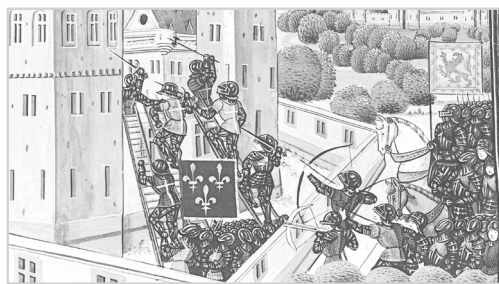
Sentindo os olhos do povo sobre si e buscando forças para o suplício que estava por vir, ela olhou para o campo plano e liso onde seu destino logo seria escrito em sangue.

Se o seu defensor ganhasse o duelo judiciário e matasse o oponente, ela seria libertada. Mas, se fosse vencido, ela pagaria com a vida por ter feito um falso juramento.

Era dia de festa em homenagem ao santo martirizado Tomás Becket. A multidão estava em clima de feriado, e a jovem sabia que muitos ansiavam ver não apenas um homem massacrado em um combate mortal, mas também uma mulher condenada à morte.

Quando os sinos de Paris deram a hora, o magistrado do rei entrou no campo e levantou uma das mãos, pedindo silêncio. O julgamento por combate estava prestes a começar.

PARTE UM





CARROUGES

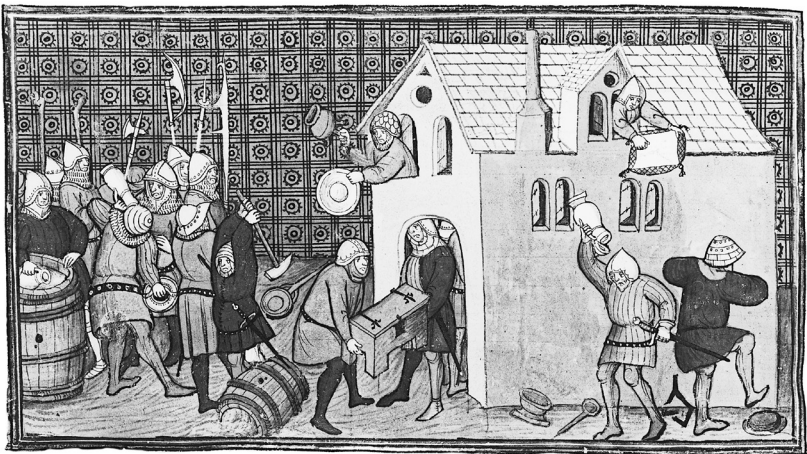


No século XIV, cavaleiros e peregrinos levavam vários meses na viagem de Paris ou Roma à Terra Santa, e um ano ou mais era necessário para que frades e negociantes cruzassem toda a Europa em direção à China, seguindo a Rota da Seda. A Ásia, a África e as Américas (ainda não descobertas) não tinham sido colonizadas pelos europeus. A própria Europa quase fora conquistada por cavaleiros muçulmanos, que saíram da Arábia, no século VII, navegando a partir da África para tomar a Sicília e a Espanha e cruzando espadas com os cristãos em lugares muito mais ao norte, como Tours, na França, antes de serem expulsos. No século XIV, completavam-se mais de seiscentos anos de combate entre cristãos e exércitos muçulmanos, em repetidas cruzadas contra os infiéis.

Quando não estavam unidos contra seu inimigo comum, os cristãos muitas vezes guerreavam entre si. Os reis e as rainhas da Europa, que formavam uma extensa rede de matrimônios consanguíneos entre irmãos, irmãs e primos, continuamente brigavam e lutavam uns contra os outros por tronos e territórios. As guerras frequentes entre os monarcas feudais europeus reduziram cidades e

campos a ruínas, mataram e disseminaram a fome entre seus povos e deixaram seus governantes com grandes dívidas, que eles pagaram aumentando os impostos, desvalorizando a moeda ou simplesmente roubando a riqueza de vítimas convenientes, como os judeus.

No centro da Europa estava o Reino da França, um vasto território que exigia 22 dias para ser cruzado de norte a sul e dezesseis dias de leste a oeste. A França, berço do feudalismo, sofreu por quase dez séculos. Descoberta entre as ruínas da Gália romana no século V, foi a fortaleza de Carlos Magno contra a Espanha islâmica no século IX e era a mais rica e poderosa nação no início do século XIV. Mas em poucas décadas a sorte virou as costas para a França, que passou a lutar desesperadamente por sua sobrevivência.



SOLDADOS PILHAM UMA CASA

Soldados ingleses pilharam muitas partes da França durante a Guerra dos Cem Anos. Chronique du Religieux de Saint-Denys. MS. Royal 20 C VII., fol. 41v. Com permissão da British Library.

Em 1339, os ingleses cruzaram o canal da Mancha e invadiram a França, começando o longo e ruinoso conflito que ficaria conhecido como Guerra dos Cem Anos. Após massacrar a cavalaria francesa em Crécy, em 1346, os ingleses conquistaram Calais. Uma década mais tarde, em Poitiers, em meio a outro grande massacre de cavaleiros franceses, os ingleses sequestraram o rei Jean, levaram-no a Londres e só o libertaram depois de receberem vastos territórios, manterem muitos nobres como reféns e promessas de um resgate colossal de 3 milhões de *écus* de ouro.

Assombrada com a perda de seu rei e com o que custaria trazê-lo de volta, iniciou-se na França uma guerra civil. Nobres rebelados traíram o rei Jean e se uniram aos invasores ingleses; camponeses enraivecidos com os novos impostos se juntaram para matar seus senhores; e os voláteis cidadãos de Paris se dividiram em facções feudais, matando uns aos outros nas ruas. Secas crônicas e colheitas ruins se somaram à miséria do povo. E a Grande Praga que assolou um terço da Europa nos anos 1348-1349, deixando corpos espalhados a céu aberto pelos campos e empilhados nas ruas, continuou reaparecendo a cada década para outra temporada trágica.

Enquanto a morte pairava sobre a região, retratada nas pinturas de artistas da época como um esqueleto envolto em mortalha brandindo uma foice, e bandeiras negras de advertência pairavam em campanários para identificar vilarejos tomados pela praga, Deus parecia ter abandonado a França. O Grande Cisma que sacudiu a Europa em 1378 dividiu a cristandade em duas facções rivais: uma delas liderada pelo papa de Roma e a outra, pelo papa

de Avignon. Enquanto os clérigos ingleses pregavam uma nova “cruzada” e vendiam indulgências para financiar a matança de franceses “hereges”, o papa romano abençoou a guerra cruel e mercenária dos ingleses à França.

Os exércitos de conquistadores ingleses foram seguidos na França por criminosos e foras da lei de toda a Europa, bandos de homens selvagens conhecidos como *rou-tiers*, ou “a escória de Deus”, que marchavam pelo interior da França saqueando cidades e vilarejos e extorquindo a população aterrorizada. Entre a violência e a anarquia, a França foi arrebatada pela imperiosa necessidade de se fortificar. Homens temerosos por seus vilarejos construíram muros de barro e escavaram valas para defesa. Fazendeiros desesperados cercaram suas casas e celeiros com torres de pedra e fossos cheios de água. Cidades e mostérios providenciaram muros mais altos e resistentes. Igrejas foram fortificadas a ponto de parecerem castelos.

O espírito das cruzadas e a sede de sangue advindos do Grande Cisma desencadearam inúmeras atrocidades. Nem mesmo conventos eram respeitados. Em julho de 1380, tropas inglesas organizaram um ataque brutal na Bretanha durante o qual “aterrorizaram um convento, estuprando e torturando as freiras, e levaram consigo algumas das vítimas para usá-las como diversão durante o resto da investida”.

No outono de 1380, o rei Carlos V morreu, deixando o reino para seu filho de onze anos de idade, Carlos VI. A França tinha então apenas dois terços do tamanho da França moderna, e não era uma nação unificada, mas, sim, uma esgarçada colcha de retalhos formada por

reinos separados. A maior parte do território era governada pelos quatro invejosos tios do jovem rei, apontados como regentes durante sua minoridade; o restante estava ocupado por tropas inimigas. A Borgonha pertencia a Filipe, o Corajoso, o mais poderoso tio do rei, fundador da dinastia que logo rivalizaria com a própria França. Anjou pertencia a outro tio, o duque Luís; a Provença era um território separado, ainda não integrava a França; e partes da Guyenne estavam nas mãos dos ingleses. A Bretanha era praticamente um ducado independente, enquanto a Normandia também estava cheia de ingleses, que a usavam para lançar incursões ao restante da França, recrutando muitos habitantes renegados para sua causa. O estratégico porto de Calais, havia tempos um baluarte inglês com homens e armas, apontava como uma adaga para o coração da França: Paris.

Cercado de rivais e inimigos, o rei menino em teoria governava mais de 10 milhões de pessoas. Seus súditos pertenciam a três principais *estates*, ou classes sociais: guerreiros, padres e trabalhadores — ou “os que lutam, os que rezam e os que trabalham”. A maioria era de trabalhadores, alguns dos quais viviam em cidades onde mantinham lojas, mas a maior parcela deles era composta de *villeins*, camponeses empregados da lavoura de seus senhores locais, os *seigneurs*. Em troca de proteção em tempos de guerra e de um pedaço de terra para uso próprio, aravam os campos de seus senhores e colhiam, cortavam lenha para suas lareiras e recebiam partes da produção e víveres. Ligados à terra desde o nascimento, falavam dialetos locais, viviam segundo os costumes provinciais e não tinham quase nenhum sentimento de identidade nacional.

Assim como o camponês servia ao seu senhor, este, por sua vez, servia ao chefe supremo. O pequeno senhor poderia ser um cavaleiro com um feudo ou dois; o grande senhor era um conde ou duque com muitos feudos — terras mantidas em troca de serviços. Um vassalo — qualquer homem que jurava servir a outro — atava seu destino ao do senhor pelo ato de homenagem e pelo juramento de fidelidade.¹ O vassalo se ajoelhava, de mãos dadas às de seu senhor, e dizia: “Senhor, eu agora sou seu servo.” Depois se levantava, recebia um beijo nos lábios e jurava servir ao senhor por toda a vida. Tais rituais fortaleciam os laços que uniam as esferas sociais.

O laço de toda a vida entre senhor e vassalo estava baseado, sobretudo, na terra. Era um decreto feudal: “Nenhum senhor sem terra; nenhuma terra sem senhor.” A terra gerava tanto o sustento do servo, por meio de colheitas, quanto o lucro do senhor, na forma de aluguéis rentáveis, fossem pagos em moeda, fossem em espécie, além de ser um motivo para a tributação e a coleta de imposto feita por cavaleiros e homens armados. A terra era então a principal fonte de riqueza, poder e prestígio da nobreza feudal — e o bem mais duradouro que um homem poderia passar adiante, com o nome da família, a seus herdeiros. Valiosa e alvo de cobiça, a terra também era o motivo de muitas discussões e disputas fatais.

¹ O termo “homenagem” vem do francês “*hommage*”, que significa “homem”, e “fidelidade” vem de “*fealty*”, que quer dizer “fé”.

NO SÉCULO XIV, EM PLENA GUERRA DOS CEM ANOS ENTRE FRANÇA E INGLATERRA, JEAN DE CARROUGES, UM CAVALEIRO NORMANDO RECÉM-CHEGADO DAS BATALHAS NA ESCÓCIA, VOLTA PARA CASA E SE DEPARA COM MAIS UMA AMEAÇA MORTAL.

Sua esposa, Marguerite, acusa o escudeiro Jacques Le Gris — um velho amigo e companheiro de corte do cavaleiro — de estupro. Sem saída após Carrouges fazer um apelo formal, o tribunal decreta a realização de um julgamento por combate, o que também coloca o destino de Marguerite à prova. Se seu marido perder o duelo, ela será sentenciada à morte por falso testemunho.

Enquanto tropas inimigas pilham o país, a loucura ronda a corte francesa, exércitos islâmicos ameaçam o cristianismo e pragas ceifam a vida de muitos, Carrouges e Le Gris se encontram equipados com suas armaduras em um mosteiro parisiense, alguns dias depois do Natal, em 1386. O que se segue é o último duelo autorizado pelo Parlamento de Paris, uma luta feroz com lanças, espadas e adagas — diante de uma multidão que incluía o próprio rei Carlos VI, entre outros membros da nobreza — que termina com os dois combatentes feridos, mas apenas um fatalmente.

Baseado em ampla pesquisa realizada na Normandia e em Paris, *O último duelo* é o retrato vívido de uma era turbulenta e de três personagens inesquecíveis presos em um triângulo fatal de crime, escândalo e vingança. Uma narrativa sobre um drama humano comovente, a história real de um delito terrível e um trabalho envolvente sobre intriga histórica cujos temas, mesmo séculos mais tarde, ainda ecoam com força — tanto que baseou a superprodução homônima de Ridley Scott para o cinema, estrelada por Jodie Comer, Ben Affleck, Matt Damon e Adam Driver.

SAIBA MAIS EM:

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1107/>